

corpo\_cidade  
e a dupla  
estetização  
do real

**Olívia Laguna de O. B. Fernandes**  
Universidade de São Paulo

O quarteirão formado pela Avenida Ipiranga, Rua Barão de Itapetininga, Rua Dom José de Barros e Rua 24 de Maio, em pleno centro da cidade de São Paulo, é onde acontece o espetáculo Corpo\_cidade\_rotinas-(ficção). Porém, o fenômeno artístico em si começa muito antes, formado por um esquema complexo de escolhas estéticas contrastantes que se dão simultaneamente, e cuja relação compõe sua forma enquanto manifestação artística.

Em contraste com a fluidez e a desordem do espaço urbano escolhido, o espectador oficializado, isto é, aquele que está ciente de que se dirige para assistir a uma peça de teatro, se depara com um sistema rígido de regras a ele propostas *a priori*: primeiramente, deve inscrever-se e fornecer uma série de informações pessoais, como seu nome, seu e-mail e seu telefone. Em seguida, recebe, alguns dias antes, instruções que devem ser seguidas para assistir ao espetáculo: um horário, com a ressalva de que é estritamente importante que se esteja pontualmente no lugar certo; um lugar, que consiste em uma certa rua com uma certa numeração e, para além disso, uma descrição pontual e singular, como “*banco de plástico na frente da churrascaria. Entre a churrascaria e o hotel*”; um roteiro do espetáculo, seu horário de início e de finalização, e indicações de como se deve proceder em cada intervalo de tempo determinado, como “*das 14h25 às 15h25 – levantar e seguir a rotina do atuante por 60 minutos. Não mudar de rotina nem de atuante nesse período*”; uma informação essencial de que aquilo é uma

experiência individual e que tais instruções não devem ser repassadas, elas são exclusivas de quem as recebeu; por fim, que se começa pontualmente as 14h00, com uma indicação que já insere o indivíduo na linguagem do espetáculo: “*Confie. Já começou*”.

O indivíduo que se propôs a assistir àquilo, com isso, se encontra munido de instruções precisas, fornecidas por um remetente desconhecido, em meio ao caos e à fluidez do centro de São Paulo, acompanhado da proposição fundamental que irá reger o sentido daquela experiência: “*a rua é teatro*”. Assim, como que “cai de paraquedas” num duplo contexto, o da cidade e o do espetáculo, na proposição de assistir ao espetáculo, o qual se pretende dar em um espaço que *a priori* não é, ou não serve para tal. Encontra-se como que deixado a própria sorte, já que sozinho e sem saber ao certo quem são os atuantes, as pessoas que o determinaram ali e que irão guia-lo, e é a partir dessa estrutura, da dinâmica entre o contraste do cotidiano orgânico e da forma artística meticulosamente orquestrada, que se criam as condições de possibilidade para um novo olhar sobre a cidade, uma vez que, na tentativa de “encontrar o espetáculo”, o espectador se depara com o espaço da rua enquanto espetáculo já dado, já acontecendo. Tal necessidade de encontrar o espetáculo é, desse modo, justamente o gesto do artista, o imperativo que propõe ao espectador a estetização do real, pois significa um convite à percepção de que falas são textos, lojas e ruas são enquadramentos e cenários, modos de comportamento e funções no espaço são caracterização de personagens, circunstâncias cotidianas são roteiros de espetáculo. O que se instaura, portanto, é uma nova ótica sobre o cotidiano, a partir de um embaralhamento entre vida e arte, que se dá em várias camadas, bem como produz muitas outras.

Primeiramente, tem-se a instauração de diversas perspectivas sobre aquilo, decorrente de diferentes papéis que eventualmente se confundem

entre si: tem-se o ator oficializado, isto é, o ente que tem enquanto profissão atuar, cuja qualidade do gesto tangencia o cotidiano, e cuja existência enquanto atuante na confecção de uma esfera artística que se dá concomitantemente ao ambiente habitual é sabida, na maior parte do tempo, somente pelo espectador oficializado, que foi lá para assistir ao espetáculo, e por algumas pessoas que costumeiramente compõem aquele espaço e que estão cientes de que lá se dará um espetáculo; o ator da cidade, que consiste em tais pessoas cujas rotinas de vida já se dão de antemão naquele espaço e que são intencionalmente posicionadas no espetáculo, no qual seu papel é serem elas mesmas, e cujas falas alternam entre “improvisos”, isto é, descarregadas de qualquer intenção dramática e dadas na espontaneidade, e textos *a priori* colocados pelos artistas que confeccionam o espetáculo, sendo a diferença entre ambas imperceptível; o espectador ator, que é a pessoa que integrou aquele espaço com o objetivo de assistir ao espetáculo, que recebeu todas as instruções sobre o espetáculo, e que hora contempla o cotidiano como se numa plateia frente a um tradicional palco italiano, suspenso da conotação habitual que a cidade usualmente tem, hora se engaja na dramaturgia enquanto ator ele mesmo, produzindo falas e gestos na reação às situações dadas; e, por fim, o ator instantâneo, que consiste nas pessoas que não foram informados de que ali está se desenvolvendo um espetáculo e que integram a dramaturgia nas interações, diretas ou não, com os demais atores, e que passam também eventualmente para a qualidade consciente de espectador, já que as interações que ocorrem exclusivamente entre os atores oficializados são de caráter extracotidiano (eles param qualquer movimento e se olham estáticos por um período de tempo), o que gera nessas pessoas um sentimento de confusão devida à súbita quebra de cotidiano que se dá em sua frente. Além disso, diversos outros elementos que compõem o teatro, como a sucessão de ações

de uma cena, a disposição dos objetos que a integram, o posicionamento dos atores na composição, etc., hora se dão artificialmente, isto é, *a priori* concebidos e instalados pelos próprios artistas, hora se dão de modo espontâneo, em decorrência da organicidade presente na dinâmica comum da cidade. Com isso, tem-se uma estrutura arquitetada que opera a fim de preservar a autonomia da forma artística que se dá em contexto urbano, através da elaboração preconcebida de uma dramaturgia, que consiste numa atividade do artista de confeccionar meios de possibilidade para o acontecimento do espetáculo de modo que seja possível uma incorporação da espontaneidade e do caráter ordinário da rua como elemento da dramaturgia, e que ambas, artificial e orgânica, coexistam e constituam uma nova unidade artística autônoma.

Assim, o papel do ator se dá numa dupla atuação de estetização do real: existe um movimento de quebra das anestésias do cotidiano, por meio de uma colocação do espetáculo enquanto negação da ordem normal daquele ambiente, através da proposição às pessoas que ali habitam de que a vida delas é teatro, e de que elas conscientemente participem enquanto atores; e dos momentos de suspensão que se dão nos eventuais gestos extracotidianos travados entre os atores oficializados, que consistem em figuras estáticas em pleno centro da cidade que se instauram subitamente, interrompendo diálogos e movimentos, e cujo olhar alterna de uma qualidade interna, perdido nos limites entre espaço e indivíduo, para uma troca de olhar precisa e intensa entre os atuantes, causando uma sensação de estranhamento nas pessoas que habitualmente existem naqueles lugares e demandando delas uma resposta perante aquilo, mesmo que esta seja um ignorar. Além disso, existe um movimento quase que contrário, proporcionado pela naturalidade das pessoas *a priori* envolvidas naquele contexto e pela qualidade cotidiana dos gestos do ator oficializado, numa

intenção de mínima intervenção, em que artista e não arte quase se mesclam, resultando num efeito de foco para o todo já dado, evidenciando ao público o cotidiano enquanto espetáculo. A coexistência dessas duas atuações no real faz com que a proposta do artista não seja um simples diluir-se no espaço da cidade, mas nele intervir em duas frentes: questionando-o, e reivindicando-o enquanto arte em si, o que significa a preservação de modos diferentes e simultâneos da autonomia da forma artística, e são justamente estes mecanismos que operam a fim de estabelecer a consciência de que há uma linguagem teatral, dados de duas maneiras que coexistem e que se potencializam, que garantem a preservação da força poética do espetáculo. É desse modo que, em diversas camadas simultâneas, corpo\_cidade estetiza o real já dado, reivindicando o espaço urbano enquanto teatro, vida enquanto arte.

Para assistir ao espetáculo *Corpo\_cidade\_rotinas\_(ficção)*, basta inscrever-se através do site <[http://corpocidaderotinas.wixsite.com/corpo\\_cidade](http://corpocidaderotinas.wixsite.com/corpo_cidade)>. Sua autoria se atribui a *corpo\_cidade*, sem se referir a um grupo propriamente, ou especificamente a qualquer dos artistas envolvidos em sua concepção.